

Protagonismo Juvenil no Entrelace da Educomunicação com a Educação Ambiental¹

Derliz Hong Hung MORENO²

Coletivo Educador Municipal de Foz do Iguaçu – CEMFI, Paraná

Resumo

Fundamentadas no princípio de formar cidadãos críticos e transformadores da realidade, a Educomunicação e a Educação Ambiental se entrelaçam como forma de cooperar no processo de transição para sociedades sustentáveis. Nesta proposta, uma comunidade de aprendizagem constituída no Colégio Agrícola, em Foz do Iguaçu, emergiu com um modelo formativo que interligou espaços formais e não formais de educação. Reunindo jovens do Ensino Médio, a trilha compreendeu atividades em sala de aula, visita educativa, exposição em mostra pedagógica e entrevistas em programa radialístico – as quais foram analisadas neste trabalho. Propôs-se elencar aspectos relacionados ao aprendizado e à construção coletiva de conhecimento. Conforme observado, a jornada enfatizou a alteridade e o diálogo enquanto pilares da intervenção socioambiental.

Palavras-chave: Comunicação e Educação; Educomunicação; Educação Ambiental.

Introdução

Nas últimas duas décadas, a interface Comunicação e Educação iniciou sua rápida capilarização e enraizamento no Brasil e no mundo, a partir do I Congresso Internacional de Comunicação e Educação (*I International Congress on Communication and Education*, em inglês) – realizado em maio de 1998 na capital do estado de São Paulo. Com o tema *Multimedia and Education in a Globalized World* (Multimídia e Educação em um Mundo Globalizado, em tradução livre), o evento teve o apoio do *World Council on Media Education* (WCME, sigla em inglês para Conselho Mundial de Educação Midiática) e estabeleceu a Educomunicação como campo de saber e de intervenção social.

Em nível nacional, importantes iniciativas e pesquisas foram desenvolvidas pelo Departamento de Comunicações e Artes (CCA) e pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) – vinculados à Escola de Comunicações e Artes (ECA) da

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa (GP) Comunicação e Educação do XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XLIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Especialista em Gestão Estratégica de *Marketing*, pós-graduando em Relações Internacionais Contemporâneas e bacharel em Jornalismo. E-mail: derlizmoreno@gmail.com.

Universidade de São Paulo (USP). A partir de mobilização e participação social, a área em questão propõe uma educação para a mídia e a apropriação de meios de comunicação para o exercício da cidadania emancipatória. Buscando, deste mesmo modo, formar cidadãos, a Educomunicação permeou as atividades de uma comunidade de aprendizagem constituída enquanto desdobramento da Formação de Educadores Ambientais (FEA) – curso realizado entre 2018 e 2020 pelo Coletivo Educador Municipal de Foz do Iguaçu (CEMFI), com certificação emitida pelo Instituto Federal do Paraná (IFPR).

Por meio da metodologia de Pesquisa-Ação Participante (PAP), cinco integrantes daquela turma – Cecília Jeziorny Ribeiro, Daniela Cristina Mendes da Costa, Derliz Hong Hung Moreno, Elias Bispo dos Santos e Rodrigo Adriano dos Santos de Quadros – atuaram com 14 alunos do Centro Estadual de Educação Profissional (CEEP) Manoel Moreira Pena³ (Colégio Agrícola). Todos eram matriculados no curso Técnico em Agropecuária na modalidade integrada ao Ensino Médio. A partir de diagnóstico participativo, composto por dinâmica de Autorretrato e metodologia de Gamificação aplicada ao Fotodiagnóstico, identificou-se que o descarte incorreto de resíduos sólidos era uma problemática emergente na instituição. Buscando uma solução eficiente e considerando a essência da Educação Ambiental (EA), propôs-se a elaboração colaborativa de uma campanha de comunicação interna, voltada à sensibilização da comunidade escolar para o descarte e a destinação correta de resíduos.

O desafio inicial, portanto, foi a busca por um tema gerador em um grupo formado por agentes de diversos locais, não apenas do município de Foz do Iguaçu ou do mesmo bairro. Totalizando seis encontros formativos noturnos e um vespertino, duas entrevistas em programa radialístico matutino, uma visita educativa matutina e uma participação em exposição em ambos os períodos do dia, o percurso educomunicativo socioambiental durou pouco mais de três meses, de 14 de agosto a 28 de novembro de 2019. Tendo por finalidade averiguar se o projeto gerou aprendizados e construiu conhecimentos, o presente estudo analisou os elementos educomunicativos e de EA presentes em ambas as edições do programa de rádio em que os alunos participaram.

³ Localizado na Avenida General Meira, nº 391, no bairro Jardim Eldorado. Neste espaço similar a uma área rural, flui parte do arroio Pé Feio – uma das 36 microbacias hidrográficas identificadas no município.

Educomunicação Socioambiental para o Exercício da Cidadania

Fazer o entrelace da Educomunicação com a Educação Ambiental é unir dois campos similares de natureza transversal, que são arraigados na qualidade das relações humanas por meio da formação e do estreitamento de laços entre as pessoas. Por acreditar firmemente na humanidade, conforme Schaun (2002, p. 82-83), a alteridade é o constituinte primordial da interface Comunicação e Educação. Relações pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas, segundo Freire (2005, p. 47), constituem as relações travadas pelo homem no e com o mundo. Estas interações, por sua vez, diferente de outra esfera animal, possuem uma determinada ordem de características completamente distintas dos puros contatos.

Neste sentido, ao utilizar a expressão *vita activa*, Arendt (2007, p. 15-26) estabelece três atividades humanas consideradas essenciais. São elas: o labor, o trabalho e a ação – sendo as duas últimas os fatores que diferenciam os seres humanos das demais espécies de animais. Da mesma maneira, de acordo com Spazziani e Gonçalves (2005, p. 109), para compreender a questão socioambiental, é necessário investigá-la “a partir das relações das ações do sujeito no seu contexto micro e/ou macro”. Por serem processos colaborativos e sociais, não é possível “ensinar” o aprendizado e o desenvolvimento nos padrões tradicionais da Educação, mas pode-se constituí-los “a partir das “experiências” reais vivenciadas por cada sujeito, quer seja no interior da escolarização formal ou em outros contextos”. Nesta perspectiva dialógica, a Educomunicação como prática e, posteriormente, como campo da ciência surgiu no início do século XX, por meio dos pioneiros Janusz Korczak, Mikhail Bakhtin, Célestin Freinet, Burrhus Skinner, Paulo Freire, Mario Kaplún e Jesús Martín-Barbero.

Já o termo Educação Ambiental surgiu na paisagem do pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em um encontro realizado em Fontainebleau, na França, em 5 de outubro de 1948, por iniciativa governamental dos EUA, da França e do Reino Unido. Esta ocasião originou a primeira organização direcionada à questão socioambiental: a União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN), sendo, desde 1956, denominada União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais. No entanto, o conceito só foi exposto ao restante do mundo em 1972, na histórica e decisiva Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo, na Suécia. Conforme definido duas décadas depois pelo

Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (1992), a EA se propõe a estimular “a formação de sociedades socialmente justas e ecologicamente equilibradas, que conservam entre si relação de interdependência e diversidade. Isto requer responsabilidade individual e coletiva em nível local, nacional e planetário” (TRATADO, 2018, p. 89).

Conforme Freinet (1974, p. 9), a medida em que as novas possibilidades educativas se sobrepuserem ao modelo tradicional de ensino, a prática pedagógica avançará, construindo “pedra a pedra, o novo mundo com que sonhamos”. Desde a década de 1960, segundo Skinner (1972, p. 18-21), o ensino tem progredido, propondo a reestruturação de práticas escolares. Dentre as áreas tecnológicas, para este autor, a mais relevante é a Educação, haja vista que ela impacta as sociedades de forma direta, sendo necessário adequá-la aos avanços conquistados. Um novo modelo de comunicação que consiga sustentar o sistema escolar, conforme Martín-Barbero (2000, p. 52), deve anteceder a introdução de aparatos tecnológicos no ensino, para, assim, desobstruir o caminho da instituição escolar nesta realidade complexa.

Hoje, a consolidação da autonomia da Educomunicação na América Latina pode ser considerada uma vitória, e é justamente esta a hipótese central de um estudo⁴ que traçou o panorama do campo nesta região do globo. A segunda hipótese trabalhada pela pesquisa é o fato de a inter-relação entre a Comunicação e a Educação ser “um novo campo de intervenção social”, o qual inaugura “um novo paradigma discursivo transversal, constituído por conceitos transdisciplinares” (SOARES, 2000, p. 21-22). Para constituir-se, de acordo com Baccega (2001, p. 9), a Comunicação agrega, por meio de um “processo espiralado de metassignificações”, ciências sociais como a Filosofia, a História, a Linguagem e a Sociologia. Esta apropriação confere a elas uma nova particularidade no diálogo interdiscursivo, desta vez, desprendida de seu domínio de origem.

⁴ Pesquisa desenvolvida de 1997 a 1999 pelo Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) do Departamento de Comunicações e Artes (CCA), vinculado à Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP). Buscou-se conhecer a Educomunicação e o perfil dos educadores. Nesta iniciativa, a amostragem foi de 400 questionários respondidos por 178 especialistas de 12 países latino-americanos. Também houve entrevistas com 25 especialistas renomados e foram realizados congressos, seminários e *workshops* para coletar dados.

Pesquisa em Educomunicação Socioambiental

Como exposto na introdução deste trabalho, a comunidade de aprendizagem constituída no CEEP Manoel Moreira Pena reuniu 14 alunos, de 1º e 2º ano, do curso técnico em Agropecuária na modalidade integrada ao Ensino Médio. Por terem estudado em período integral, seis encontros formativos ocorreram à noite e o encerramento foi realizado ao final de uma tarde. Neste percurso de quase três meses, os estudantes também participaram de duas edições do programa radialístico local e voluntário *Estação Innovacities*, de uma visita educativa ao Parque das Aves – um Centro de Conservação Integrada de Espécies da Mata Atlântica – e de uma exposição na 5ª Mostra Pedagógica SOS Fauna – promovida pelo mesmo zoológico.

Esta foi uma das comunidades de aprendizagem construídas por cinco participantes da turma de 2018 a 2020 da FEA, realizada por instituições do Coletivo Educador Municipal de Foz do Iguaçu e certificada pelo Instituto Federal do Paraná. As iniciativas desenvolvidas se sustentaram na metodologia de Pesquisa-Ação Participante, adotada pelo curso em questão. De acordo com Tozoni-Reis (2005, p. 271-272), esta modalidade “articula, radicalmente, a produção de conhecimentos, a ação educativa e a participação dos envolvidos”. O processo gera aprendizados acerca da problemática da realidade estudada e institui uma educação participativa voltada ao enfrentamento do cenário.

Perfil da Comunidade de Aprendizagem

Logo no início da trilha de aprendizagem, o autor do artigo aplicou um questionário com perguntas quantitativas e qualitativas para que os facilitadores conhecessem o perfil socioeconômico dos estudantes e conseguissem optar por atividades e metodologias adequadas ao público. De 14 alunos do projeto, um (7,1%) era externo e 13 (92,9%) eram externos. Em relação à faixa etária, dois (14,3%) tinham 14 anos, quatro (28,6%) tinham 15 anos, quatro (28,6%) tinham 16 anos e quatro (28,6%) tinham 17 anos. Oito (57,1%) eram moradores de área rural e seis (42,9%) residiam em área urbana. Um (7,1%) deles era de Foz do Iguaçu, um (7,1%) de Santa Terezinha de Itaipu, um (7,1%) de São Miguel do Iguaçu, dois (14,3%) de Itaipulândia, dois (14,3%) de Missal, um (7,1%) de Medianeira, dois (14,3%) de Céu Azul, um

(7,1%) de Serranópolis do Iguaçu, um (7,1%) de Santa Rita (Paraguai), um (7,1%) de Santa Rosa e um (7,1%) de Tavaí (Paraguai).

Encontros Formativos

Para encontrar um ponto de partida para este percurso educativo, tendo em vista a diversidade de atores, realizou-se um diagnóstico participativo que buscou identificar uma problemática enfrentada pela comunidade de aprendizagem no CEEP Manoel Moreira Pena. Estudar problemas ambientais locais, segundo Spazziani e Gonçalves (2005, p. 109), requer “considerar que as condições atuais do ecossistema de cada região ou localidade influenciam a estratégia de sobrevivência a ser construída pelos grupos sociais do seu entorno”. No projeto desenvolvido, devido às aulas em período integral e por grande parte dos protagonistas terem sido alunos internos na época, pôde-se perceber que todos tinham o ambiente escolar como um lugar familiar.

A primeira atividade da investigação consistiu em uma dinâmica de Autorretrato, na qual cada mediador e cada estudante deveria elaborar um texto e/ou um desenho que representasse suas particularidades e sua atuação comunitária, a fim de que todos os envolvidos se conhecessem. Buscando analisar o aspecto externo para desenvolver o sentimento de pertencimento ao CEEP, a segunda atividade compreendeu o uso da metodologia de Gamificação aplicada ao Fotodiagnóstico. Segundo corroboram Spazziani e Gonçalves (2005, p. 109), “cada membro de uma comunidade de aprendizagem tem que construir o seu entendimento da problemática focalizada e o professor ou educador social atua como mediador deste processo”.

Os protagonistas fotografaram, sob suas óticas, pontos considerados belos e feios na instituição de ensino. Com a divisão da turma em equipes, distribuiu-se uma imagem de satélite do território escolar, onde os alunos assinalaram os locais das problemáticas encontradas nas fotografias e também marcaram pontos com outras questões pensadas durante o mapeamento. Listados todos os problemas identificados, foram selecionados temas recorrentes expostos pelas equipes.

Tais situações-problema em que protagonistas e mediadores estudaram, conforme Spazziani e Gonçalves (2005, p. 109), exigem “verdadeira investigação, que promovam em primeira instância perguntas que provoquem a necessidade de serem respondidas”. Duas preocupações eram unanimidade entre os estudantes: o

desmoronamento de um caminho com manilhas quebradas que os conduzia até a roça e o descarte inadequado de resíduos sólidos. Em relação ao primeiro problema ambiental, ao contatar a direção pedagógica do CEEP para pensar conjuntamente em uma maneira de resolvê-lo, descobriu-se que já havia documentos protocolados para a resolução junto ao Núcleo Regional de Educação (NRE) de Foz do Iguaçu e à Secretaria Municipal de Obras (SMOB). Isto posto, optou-se por resolver o segundo problema mais evidenciado.

Como saída para a problemática escolhida, foi proposta uma prática educ comunicativa para a sensibilização da comunidade escolar, a partir de uma campanha de comunicação interna para o descarte e a destinação adequada de resíduos sólidos. Por acreditar nas pessoas e valorizar as particularidades de cada indivíduo, conforme Schaun (2002, p. 82-83), a interface Comunicação e Educomunicação constrói um espaço dialógico, em que os atores, ao transformarem a si mesmos, também transformam seus entornos, intervindo por meio da ação comunicativa.

Este fator, ainda de acordo com a autora, possibilita a descoberta de novos caminhos para a resolução colaborativa de problemas e, especialmente, incentiva olhares diferenciados sobre o dia a dia. O processo resulta em construção coletiva de conhecimento em um contexto de respeito mútuo, a fim de gerar transformação social. Abordaram-se: as consequências de destinações incorretas de resíduos sólidos; a leitura crítica da mídia como fator-chave para o despertar da cidadania; o protagonismo transformador a partir da apropriação e da utilização dos meios de comunicação; e os possíveis instrumentos de mobilização para o público interno. Foram sugeridas as seguintes opções: pílulas sonoras, vídeos, textos e artes para *WhatsApp*; vídeos, textos e artes para *Facebook*; conteúdos para *blog*; cartazes; e panfletos.

Com o propósito de agregar mais saberes ao projeto, solicitou-se uma palestra da Cooperativa dos Agentes Ambientais de Foz do Iguaçu (COAAFI) – a qual atua no Programa Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos Recicláveis (PMGIRSR), junto à Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu (PMFI), por meio da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMMA). Representada pelo técnico em logística e produção, Anderson Cardoso Querino, a Cooperativa expôs, entre outros assuntos, os diversos tipos de resíduos, os prejuízos socioambientais em decorrência da destinação incorreta de resíduos domiciliares, as etapas da reciclagem, a trajetória do PMGIRSR – da implantação em 2019 à expansão ao longo daquele ano – e seu funcionamento.

Bem como o capital cultural e o percurso educacional socioambiental, cada protagonista buscou conhecimentos em outras fontes, incluindo *internet* e livros. O resultado foi uma campanha *on-line*, composta por cinco postagens de sensibilização para o descarte e a destinação correta de resíduos sólidos. Diante da pandemia planetária de *Covid-19* – provocada pelo coronavírus *Sars-CoV-2* – que acarretou na suspensão de aulas presenciais no mês de março de 2020, as publicações foram adiadas. Portanto, em momento propício, os trabalhos serão compartilhados publicamente na página da instituição de ensino no *Facebook* e via *WhatsApp*.

No último encontro formativo, realizado ao final da tarde de 28 de novembro de 2019, na área externa, foram realizados o enterro de uma cápsula do tempo – contendo fotografias e compromissos individuais dos alunos para com a questão socioambiental – e o plantio de uma muda de ipê roxo (*Handroanthus impetiginosus*). Doador pelo Horto Municipal, a espécie foi escolhida pelos próprios alunos por ser símbolo do Colégio Agrícola. O resgate das memórias está prevista para a mesma data no ano de 2030, de modo alusivo à *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável* – estabelecida pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015 (ORGANIZAÇÃO, 2016, p. 2).

Já no prédio principal e dentro dos alojamentos estudantis, a comunidade de aprendizagem colocou placas educativas fornecidas pela SMMA, por meio do Programa de Educação Ambiental na Administração Pública. As orientações incentivavam o descarte correto de resíduos sólidos, a adoção de canecas em substituição ao uso de copos descartáveis e a economia de água e de energia elétrica.

Visita Educativa e Exposição de Trabalhos

Em razão de uma mediadora da iniciativa ter participado da turma de 2019 da formação continuada SOS Fauna, ofertada pelo Parque das Aves, o quinto encontro formativo, em 23 de outubro, abordou o papel do Parque Nacional do Iguaçu⁵ (PNI) – Unidade de Conservação (UC) considerada o maior remanescente contínuo de Mata Atlântica na região Sul do país e que abrange 14 municípios, incluindo Foz do Iguaçu. Na ocasião deste encontro, outros alunos internos do CEEP foram convidados a

⁵ Instituída em 10 de janeiro de 1939, por meio do *Decreto-Lei Nº 1.035*, do presidente Getúlio Vargas, a UC foi o segundo parque nacional do Brasil, precedida pelo Parque Nacional de Itatiaia – criado pelo *Decreto Nº 1.713 de 14 de junho de 1937*.

participar e também a realizar a visita educativa ao Parque das Aves, no dia 7 de novembro de 2019.

Um dia após a visita educativa, em 8 de novembro de 2019, cinco protagonistas participaram da *5ª Mostra Pedagógica SOS Fauna*, realizada no Espaço de Educação Ambiental do Parque das Aves. Três deles estiveram no período da manhã e dois no período da tarde. O evento educativo recebe visitantes do zoológico, bem como promove o intercâmbio de saberes e aprendizados entre os envolvidos na formação continuada, sejam eles educadores ou educandos. A exposição foi uma oportunidade para os participantes socializarem os conhecimentos construídos até este momento.

Formatação da Análise em Questão

Como exposto na introdução, este estudo analisou as duas edições do programa radialístico *Estação Innovacities* que contou com a participação de protagonistas da comunidade de aprendizagem constituída no CEEP Manoel Moreira Pena. Transmitido de segunda a sexta-feira, das 10h às 11h, pela emissora Rede Comunicadora Iguassu (RCI) – uma afiliada da Rádio Bandeirantes (RB) – o programa diário e matutino foi uma realização da Associação Brasil Internacional dos Inventores, Cientistas e Empreendedores Inovadores (ABIPIR), em conjunto com parceiros, incluindo o Coletivo Educador – o qual era responsável pelos programas de terça-feira. Foram nestes dias que os protagonistas participaram do quadro *Roda de Conversa*, sendo a primeira entrevista⁶ no dia 10 de setembro e a segunda participação⁷ em 5 de novembro de 2019 – ambas conduzidas pelo pesquisador enquanto membro do CEMFI, exercendo apenas o papel de entrevistador. Por terem sido transmitidas publicamente, mediante concordância dos entrevistados, os nomes verídicos foram citados.

A primeira entrevista tratou o tema *Educação, sonhos e aspirações da juventude agricólinas*, com a presença do diretor pedagógico do Colégio, Reginaldo Rodrigues Vicente, e de quatro integrantes da comunidade de aprendizagem: Fatima Beatriz Rojas, Gabriel Henrique Favaretto Alves, Guilherme Ribeiro Fracaro e Mateus Eduardo Mesomo Acker – todos alunos internos. Já a segunda ocasião tratou de *Formações*

⁶ Rádio RCI Iguassu. Educação, sonhos e aspirações da juventude agricólinas. **Facebook**, 10 set. 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/semprerci/videos/727556350991081/>>. Acesso em: 10 set. 2019.

⁷ Rádio RCI Iguassu. Formações continuadas em Educação Ambiental. **Facebook**, 5 nov. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/semprerci/videos/2565632173475122/>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

continuadas em Educação Ambiental. Para esta ocasião, foram convidados os alunos Gabriel Henrique Favaretto Alves, Guilherme Ribeiro Fracaro e Paulo Roberto Kropuchinski Duarte, bem como a facilitadora Cecília Jeziorny Ribeiro, a coordenadora da FEA enquanto projeto de extensão do Instituto Federal do Paraná, Roseli Bernardete Dahlem Pacheco, e a coordenadora do Departamento de Educação Ambiental do Parque das Aves, Camila Martins.

Nas edições examinadas, buscou-se identificar os aprendizados e conhecimentos construídos coletivamente ao longo da oficina. Propôs-se, deste modo, trabalhar a mediação dos meios de comunicação e incentivar o exercício da cidadania por meio da apropriação do espaço midiático para a sensibilização socioambiental. Uma das maneiras para se formar cidadãos livres, como acrescenta Baccega (2002, p. 10), é justamente desmistificar, principalmente, o que se encontra atrás da tela da televisão, além da maneira como são produzidos programas de rádio, jornais e revistas – assuntos tratados durante a oficina.

É de competência tanto da educação formal quanto da educação não formal, ainda segundo a autora (2002, p. 10), esclarecer que os programas dos meios de comunicação são construídos com edição. Os estudantes ainda devem tomar conhecimento dos “aspectos lingüísticos [sic], gramática das imagens, planos, o processo de ocultamento/demonstração”, entre outros aspectos técnicos. Predominantemente, como complementa Orozco Gómez (1997, p. 58), os meios de comunicação de massa sobrepõem o espetáculo à informação ou ao ensino. Ou seja: visam aumentar a audiência em vez de prestar serviços em favor da cidadania.

Exercício da Cidadania a Partir da Apropriação Midiática

Verificando-se a primeira entrevista ao *Estação Innovacities*, quando os protagonistas foram indagados acerca do motivo pelo qual decidiram participar da comunidade de aprendizagem, Gabriel Henrique Favaretto Alves afirmou que a decisão partiu da necessidade de “aprofundar cada vez mais os novos conhecimentos”. O colega Mateus Eduardo Mesomo Acker complementou que conhecer a área ambiental é, por exemplo, imprescindível para quem pretende cursar Agronomia, pois os resíduos de lavoura necessitam ser destinados corretamente e também é essencial compreender a função de matas ciliares em propriedades rurais.

Bem como mencionar o interesse em adquirir novos conhecimentos e aprofundá-los, Fatima Beatriz Rojas ressaltou que a vontade em integrar o projeto partiu de sua preocupação com o meio ambiente, pois, pensar na questão socioambiental é cultivar, principalmente, um futuro sustentável. Conforme o relato da aluna, ao comunicar aos amigos sua participação no projeto, ela buscou esclarecer que a natureza está inserida no cotidiano, propondo uma visão holística sobre a vida. Isto é, importar-se com o meio ambiente não significa, necessariamente, preocupar-se, por exemplo, com a Amazônia, mas também com o lugar de habitação. O aprendizado contínuo e permanente, ainda de acordo com Rojas, possibilita observar aspectos despercebidos por algumas pessoas, como as consequências de um resíduo despejado incorretamente.

Apesar de apenas dois encontros formativos terem ocorrido até o dia desta primeira entrevista na mídia, esta última fala vai ao encontro da EA voltada à sustentabilidade equitativa, tal como define *Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global* (TRATADO, 2018, p. 89). Segundo o documento, ela é caracterizada por “um processo de aprendizagem permanente, baseado no respeito a todas as formas de vida. Tal educação afirma valores e ações que contribuem para a transformação humana e social e para a preservação ecológica”.

Tendo como tema a Formação de Educadores Ambientais e o SOS Fauna, a segunda entrevista da comunidade de aprendizagem ao *Estação Innovacities* evidenciou o êxito de ambas formações continuadas no território, a partir do uso de metodologias participativas para a capilarização da EA e para a intervenção coletiva que busca a transformação socioambiental de realidades. Nesta mesma perspectiva, a presença dos jovens no programa radialístico, segundo Kaplún (2002, p. 61), consolida “o marco referencial de uma comunicação social, democrática e eficaz” – a qual possui duas dimensões básicas: integrar uma prática educativa crítica e emancipatória; e produzir comunicação autêntica, dialógica e participativa.

No início da entrevista com os jovens presentes, Gabriel Henrique Favaretto Alves relatou que o diretor pedagógico do Colégio Agrícola divulgou o projeto em cada turma e solicitou aos interessados que incluíssem seus nomes em uma lista. Por envolver a sustentabilidade do meio ambiente, uma questão pouco abrangida pelas matérias do curso técnico em Agropecuária, houve muitos interessados, apesar de

grande parte não ter conseguido concluir o percurso ou mesmo participar da iniciativa. Durante os encontros, Alves relembrou também que a criação do vínculo de amizade com os mediadores e o modelo formativo foram dois fatores de cativação para a permanência na oficina. O protagonista expressou, ainda, o desejo de que haja continuidade do projeto, pois há predomínio de diálogo e busca por soluções para as questões abordadas, não apenas interlocuções acerca da problemática. Em suas palavras: “Nós vamos atrás de soluções para o problema, não só fica criticando aquele problema”.

Em seguida, o colega Guilherme Ribeiro Fracaro complementou com um aspecto relevante observado por ele: “O curso traz a Educação Ambiental para nossa região, para a nossa cidade, e nos coloca os nossos problemas que estão próximos da gente. Então, a gente consegue buscar soluções para os problemas mais próximos”. Conforme avaliou Paulo Roberto Kropuchinski Duarte, participar da comunidade de aprendizagem contribuiu para a ampliação do olhar em relação ao bioma local (Mata Atlântica), possibilitando “falar com argumentos sobre esse ponto, sobre o ambiente, sobre o bioma aqui da região”.

Ao indagá-los acerca dos fatores que motivaram o envolvimento no projeto, Fracaro afirmou que o principal motivo foi a relação direta do curso técnico em Agropecuária com o meio ambiente e com a Educação Ambiental. Estando o tema sustentabilidade cada vez mais presente no cotidiano, é necessário adquirir conhecimentos para a futura carreira profissional. Nesta mesma direção, Paulo Roberto Kropuchinski Duarte avaliou que a comunidade de aprendizagem despertou “um olhar mais crítico” e somou esforços para a formação dos participantes, considerando o ensino e o incentivo do CEEP para o emprego de técnicas agrícolas sustentáveis.

Logo depois, perguntou-se aos alunos como eles observavam a questão socioambiental e quais as possibilidades de intervenção. Morador de Serranópolis do Iguaçu, Alves testemunhou, na comunidade de aprendizagem, a própria mudança de paradigma em relação à extinção de espécies. Um debate recorrente em seu município, bem como nos demais 13 municípios da região do Parque Nacional do Iguaçu, é a abertura da Estrada do Colono⁸, que existiu em uma área atualmente regenerada.

⁸ Localizada anteriormente na Zona Intangível do Parque Nacional do Iguaçu, a Estrada do Colono possuía 17,5 quilômetros de extensão, entre os municípios paranaenses de Serranópolis do Iguaçu (Oeste) e Capanema (Sudoeste). O caminho foi aberto pouco mais de uma década após a criação do Parque Nacional do Iguaçu, entre 1953 e 1955. Quase trinta anos depois, devido às constantes atividades criminosas, como caça, contrabando e poluição, uma ordem judicial fechou a Estrada do Colono, que foi invadida em 8 de maio de 1997 e desocupada em 13 de julho de 2001.

Segundo a narrativa do protagonista, antes de participar do projeto educacional socioambiental, por desconhecer as consequências negativas advindas da perda de biodiversidade, ele defendia um novo desmatamento naquele local – o contrário do que pensa hoje: “É um bicho a mais, um bicho a menos, quando vê, não tem mais nada ali, não é? E tudo, tudo muda em torno do meio ambiente, não é? Se não é o meio ambiente, nós não somos nada”.

Já o colega Duarte enfatizou o princípio de capilarização da EA. Como multiplicador dos conhecimentos construídos, o estudante relatou que busca transmitir o que aprendeu aos seus familiares e às demais pessoas de seu convívio. De maneira consoante, Fracaro acrescentou o potencial de transformação do entorno por meio do projeto – o qual interveio na degradação ambiental. Ele afirmou: “Hoje, a gente está dentro do curso, e o tópico mais importante eu acho que é a gente poder passar esse aprendizado para frente e poder mudar essa cultura, não é? E melhorar o nosso ambiente”. Tais depoimentos, como expõe Viezzer (2005, p. 283), concretizam a PAP, caracterizada pela atuação dos envolvidos em “um processo onde aprendem a descobrir, compreender e analisar a realidade e repassar adiante o conhecimento adquirido”.

Considerações Finais

Durante a experiência registrada e analisada neste trabalho, observou-se que a adoção de metodologias participativas é um elemento constitutivo da prática educacional socioambiental. Neste modelo formativo, a soma de saberes e conhecimentos, a integração entre espaços formais e não formais de aprendizagem e o incentivo ao exercício da cidadania produziu um ambiente propício para o protagonismo juvenil no entrelace da Educação com a Educação Ambiental. O percurso vivenciado na comunidade de aprendizagem formada no Centro Estadual de Educação Profissional Manoel Moreira Pena foi, sobretudo, edificado no pilar da alteridade, por meio de formação e estreitamento de laço entre os mediadores e os agentes de transformação da própria realidade.

Houve também uma terceira invasão no dia 3 de outubro de 2003 e o fechamento definitivo após quatro dias. De acordo com o *Decreto Nº 23.793, de 23 de janeiro de 1934*, que aprovou o *Código Florestal*, e que complementa o *Decreto-Lei Nº 1.035*, o PNI, da mesma forma como outros parques nacionais, estaduais ou municipais, é uma área destinada exclusivamente à conservação de espécies da fauna e da flora presentes neste remanescente de Mata Atlântica – o segundo bioma mais biodiverso do mundo. Apesar de ser proibido qualquer tipo de exploração para atividades de uso intensivo (tais como o turismo, o trânsito e o transporte de cargas), o espaço possui áreas delimitadas para esta finalidade, de acordo com critérios ecológicos, incluindo as Cataratas do Iguçu e locais onde é possível fazer passeios de barco, trilhas e praticar esportes radicais em Capanema.

Por meio de abordagens participativas, a trilha formativa tornou possível o engajamento do grupo ao estabelecer-se na dialogicidade do diagnóstico socioambiental para a identificação de problemáticas emergentes. Tal cooperação se evidenciou no diálogo entre profissionais de diferentes áreas de atuação e graus de escolaridade, bem como destes facilitadores em interlocução com os protagonistas envolvidos – os quais formavam uma turma mista, composta por alunos de vários municípios e de várias turmas do curso técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio.

Inter e, por vezes, transdisciplinar, esta vivência emergiu em consonância com a prática pedagógica crítica e emancipatória, cuja proposta é a formação humana, acadêmica, profissional e cidadã. Múltiplos olhares sobre a falta de sustentabilidade ambiental enriqueceram o projeto enquanto instrumento de reflexão e intervenção da realidade. Esta cooperação também esteve presente no âmbito institucional, ao interligar, de forma complementar, o Colégio Agrícola (espaço formal) e o Parque das Aves (espaço não formal de ensino).

A natureza transversal da Educomunicação Socioambiental, por conseguinte, traduz-se em alteridade, dialogicidade, atuação cooperativa em rede e capilaridade de ações interventivas que contribuem no processo de transição para sociedades sustentáveis. Sensibilizando e proporcionando ações transformadoras, os campos entrelaçados nesta experiência com jovens promoveu e segue promovendo, por meio dos envolvidos, o olhar sistêmico sobre a natureza e propondo a reformulação do padrão tradicional de ensino, a incorporação de recursos tecnológicos em sala de aula, a mediação dos meios de comunicação e a utilização de ferramentas midiáticas com a finalidade de difundir conhecimentos e promover sensibilização.

Referências

ARENDET, Hannah. **A Condição Humana**. Roberto Raposo (trad.). 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BACCEGA, Maria Aparecida. Meios de Comunicação na Escola. *In: Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP/Editora Salesiana, n. 25, set./dez. 2002. p. 7-15.

_____. Da Comunicação à Comunicação/Educação. *In: Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP/Editora Segmento, n. 21, maio/ago. 2001. p. 7-16.

FREINET, Célestin. **O Jornal Escolar**. Filomena Quadros Branco (trad.). Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- KAPLÚN, Mario. **Una Pedagogía de la Comunicación (El Comunicador Popular)**. La Habana: Editorial Caminos, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios Culturais da Comunicação à Educação. *In: Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP/Editora Segmento, n. 18, maio/ago. 2000. p. 51-61.
- ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas - ONU. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio) [trad.]. ONU: Rio de Janeiro, 2016.
- OROZCO GOMEZ, Guillermo. Professores e Meios de Comunicação: Desafios, Estereótipos. *In: Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP/Editora Moderna, n. 10, set./dez. 1997. p. 57-68.
- Rádio RCI Iguassu. Educação, sonhos e aspirações da juventude agricola. **Facebook**, 10 set. 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/semprerci/videos/727556350991081/>>. Acesso em: 10 set. 2019.
- Rádio RCI Iguassu. Formações continuadas em Educação Ambiental. **Facebook**, 5 nov. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/semprerci/videos/2565632173475122/>>. Acesso em: 5 nov. 2019.
- SCHAUN, Angela. **Educomunicação: Reflexões e Princípios**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- SKINNER, Burrhus Frederic. **Tecnologia do Ensino**. Rodolpho Azzi (trad.). São Paulo: Herder e Editora da Universidade de São Paulo, 1972.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: Um Campo de Mediações. *In: Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP/Editora Segmento, n. 19, set./dez. 2000. p. 12-24.
- SPAZZIANI, Maria de Lourdes; GONÇALVES, Marlene E. C. Construção do conhecimento. *In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio (org.). Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. p. 103-114.
- TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Pesquisa-Ação: Compartilhando saberes; Pesquisa e Ação educativa ambiental. *In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio (org.). Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. p. 267-276.
- TRATADO de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global. *In: BRASIL. Ministério do Meio Ambiente - MMA, Ministério da Educação - MEC. Educação Ambiental por um Brasil Sustentável: ProNEA, Marcos Legais e Normativos*. Brasília: MMA, 2018. p. 89-94.
- VIEZZER, Moema Libera. Pesquisa-Ação-Participante (PAP): Origens e avanços. *In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio (org.). Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. p. 277-294.